

VISÃO DO CORREIO

Barbas de molho

A afirmação do diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) traz o fantasma do apagão de volta ao cenário nacional. Jerison Kelman disse que não descarta a necessidade de plano de racionamento de energia em 2008. A decisão está nas mãos de São Pedro. As chuvas, em 2007, se atrasaram. Na primeira semana de janeiro deste ano, situaram-se 55% inferiores à média histórica. O nível dos reservatórios é baixo. Na Região Sudeste, atinge 44,9% da capacidade. Na Nordeste, 27%. No Norte Interligado, 50%. No Sul, 74%.

O estado das reservas acendeu a luz amarela no Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Para suprir a deficiência de fornecimento das hidrelétricas e manter a margem de segurança do sistema, o ONS acionou as termelétricas. Sem contar com gás natural suficiente, a saída foi recorrer às usinas movidas a óleo diesel, mais caras e poluentes. O uso pleno do gás pode levar ao desguarnecimento de indústrias e postos de combustíveis.

Apesar do quadro preocupante, autoridades do setor tentam minimizar o problema. É aí que se acende a luz vermelha. Em 2001, apesar dos alertas da gravidade da situação, o governo desqualificou os avisos e não tomou medidas imediatas capazes de atenuar o drama. Resultado: viu-se obrigado, sem estudos prévios e sem projetos, a um racionamento de energia atabalhado. Sacrificou duramente os

15 estados com mais peso na economia. Até hoje o país paga o preço da imprevidência.

Espera-se que a lição de sete anos atrás não tenha sido esquecida. É verdade que o cenário atual não é tão grave quanto o de 2001. De um lado, o nível dos reservatórios é superior ao de então. De outro, a interligação do sistema Sudeste com o do Sul foi completada, o que permite que uma região socorra outra. Não se pode esquecer, porém, que evitar novo apagão depende de favores celestes.

Com 85% da eletricidade gerada em usinas elétricas, as chuvas são fundamentais para o funcionamento do sistema. Apesar de estar no período úmido, as precipitações pluviométricas estão em nível muito abaixo da média por culpa do fenômeno La Niña, que provoca estiagens. Caso se mantenham até o fim de abril, a alternativa será pôr em prática o Plano B.

Esse plano, porém, não se conhece. O governo diz que existe, mas se nega a divulgá-lo. Confunde o planejamento de como lidar com uma crise com a admissão de que haverá racionamento. Nada pior para a nação do que a incerteza. O desconhecimento do terreno em que se pisa afugenta investimentos, paralisa empresários e freia o ritmo de crescimento do país. A expectativa é que a economia se expanda de 4,5% a 5% este ano e nos próximos. Energia é o insueto mais importante para que a esperança não se transforme em frustração.